



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 153/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

O DISCURSO DO REI

O filme é interessante sob todos os ângulos: Uma história real, surpreendente, possivelmente única na vida da humanidade, muito relevante no seu tempo e completamente esquecida hoje, bem apresentada, bem filmada, com bons atores, retratando muito bem o caráter admirável daquele povo que realizou tantos feitos marcantes no mundo da política.

O episódio narrado se passa num dos momentos mais graves da história moderna e nele se entrelaçam uma questão inteiramente pessoal, peculiar de um ser humano, com a pesada responsabilidade do seu múnus público. Os reis antigos não falavam ao povo; falavam, no máximo, e em raros casos, a assembleias numerosas, como os tribunos da antiguidade; falavam por vezes aos soldados, como Henrique IV, na peça de Shakespeare. Os milhares de déspotas e de monarcas absolutistas nunca tiveram que falar aos seus povos.

Coube a George VI, da Inglaterra, pela primeira vez, o dever de falar aos milhões de súditos britânicos pelo mundo a fora, no Império onde o sol nunca se punha, o mais extenso e populoso da História. Tinha de falar através do rádio, usado em política também pela primeira vez naqueles anos. O Rei tinha de falar, gravemente, sobre os deveres morais, libertários e patrióticos da guerra em que estavam entrando contra a maior e mais eficiente máquina bélica jamais montada, dirigida por um novo déspota que imantava as massas justamente pela palavra incisiva e forte, bem articulada, transmitida ao seu povo de forma absolutamente pioneira através do rádio.

E o Rei inglês era gago!

George VI enfrentou bravamente o desafio. Tomou aulas e fez exercícios exaustivos com um fonoaudiólogo (australiano e excêntrico) improvisado, e enfrentou com heroísmo sua batalha particular, que era decisiva, para ele e para a sua nação. Fez o discurso devido e saiu-se bem, foi ardentemente aplaudido pelo povo. Lembrou, sim, Henrique IV na batalha de Azincourt.

O episódio se imbrica, também, com outro acontecimento único na História, que foi a renúncia do Rei Eduardo VII, o irmão mais velho e herdeiro do trono após a morte do pai George V. Símbolo de elegância masculina em todo o mundo, o Duque de Windsor assumiu, reinou poucas semanas e abdicou, para ser casar com uma mulher americana, sem nenhuma nobreza e duas vezes divorciada, condição absolutamente inadmissível pela tradição, pela religião, pelo sentimento popular e pelas instituições britânicas. Oh, como me lembro de, menino, escutar os muitos comentários alvoroçados sobre o caso: de um lado, o belo caráter romântico e desprendido do rei elegante e apaixonado; de outro, a figura da amada que seria feia, vulgar, interesseira e que teria andado resvalando para o imoral na sua vida pregressa. Foi, sem nenhuma dúvida, a maior notícia do mundo naquele momento. O tempo passou e nunca mais se falou no caso; consta que foram felizes para sempre, daí o silêncio da mídia.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 153/2011
Contatos: secretaria@isb.org.br

Outra lembrança que carrego da meninice é a dos selos da Inglaterra, o primeiro país do mundo a emitir selos postais. Naquele meu tempo, era comum os meninos colecionarem selos; era até uma das principais ocupações do lazer dos dez aos quinze anos. E os selos correntes da Inglaterra tinham todos, naquele tempo, a face do Rei George VI. Era um rosto simples e delicado, de feições tímidas, que deviam refletir o sentimento de inferioridade do irmão mais moço diante do mais velho, versado e desinibido. E o filme mostra esta face.

Por fim, cabe uma referência a uma das figuras importantes que aparecem naquele episódio, que é a de Winston Churchill, então Primeiro Lord do Almirantado, que viria a ser o Primeiro Ministro do governo britânico que conduziu e venceu aquela guerra cruel e custosa; governo que sucedeu ao de Chamberlain, anotado na História como frouxo e concessivo.

Um dos políticos mais sábios e honrados pela História, Churchill comandou a resistência heróica dos ingleses, quando, sozinhos, depois da capitulação da França e antes da entrada dos EE UU e da União Soviética, enfrentaram os terríveis bombardeios diários da Luftwaffe. Compreendendo que pelo mar era impossível vencer, ante a força da marinha britânica, e pelo ar a resistência se mostrou inquebrantável, Hitler, preparando-se para invadir e conquistar a Rússia, propôs ao Reino Unido a paz em separado, prometendo respeitar inteiramente o Império Britânico e derrotar, liquidar o temido inimigo comum, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O governo inglês, Churchill, não tergiversou, recusou a proposta, prendeu o emissário enviado de paraquedas, Rudolf Hess, e continuou firme aquela guerra quase impossível.

Churchill acabou como o maior herói do mundo naquele momento. E, entretanto, na primeira eleição interna após a guerra, foi derrotado. O mundo inteiro ficou estupefato. Hoje, de longe, resplandece a qualidade da democracia e a sabedoria do povo inglês, que pensou: Ele foi sem dúvida o melhor para a guerra, mas para a paz o melhor é o líder trabalhista Clement Atlee. Ficou a lição.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br